

FOI ASSIM QUE O IRANI SERVIU DE CANCHA DE GUERRA: UMA ANÁLISE SOBRE A BATALHA DO IRANI (1912)

GABRIEL CARVALHO KUNRATH¹; MÁRCIA JANETE ESPIG²

¹Universidade Federal de Pelotas – Gabrielkunrath@icloud.com

²Universidade Federal de Pelotas – Marcia.espig@terra.com.br

1. INTRODUÇÃO

Os primeiros trinta anos do período republicano no Brasil foram marcados por diversas revoltas populares. A Guerra de Canudos em 1897, o movimento liderado pelo Padre Cícero em Juazeiro, a Revolta da Vacina no Rio de Janeiro, são só alguns exemplos dos conflitos que ocorreram em solo brasileiro com o advento do novo regime. Entre as revoltas populares deste período, também destacamos a Guerra do Contestado. Com características messiânicas e milenaristas, o movimento sertanejo teve como palco os sertões dos Estados de Santa Catarina e do Paraná durante os anos de 1912 a 1916.

Considero que as obras acerca da Guerra do Contestado podem ser divididas em três gerações. A primeira delas, constituída de obras testemunhais publicadas a partir de 1916, escritas pelos militares que combateram no conflito como a de Dermeval Peixoto (1920). A segunda são as obras de cunho acadêmico, publicadas a partir da década de 50, principalmente, por sociólogos (QUEIROZ, 1981). Por fim, a terceira geração é constituída de obras de cunho científico, sobretudo historiográficas surgidas no final da década de 90, estendendo-se até os dias atuais, como as produções de Márcia Espig, Paulo Pinheiro Machado, Rogerio Rosa Rodrigue, Delmir Valentin e tantos outros pesquisadores que produziram e seguem produzindo a respeito da Guerra do Contestado.

As obras que se referem à Guerra do Contestado, geralmente, trazem informações sobre a Batalha do Irani, mas nem sempre utilizam o termo “batalha”. Entretanto, por serem considerados o “marco inicial” da guerra, os acontecimentos do dia 22 de outubro de 1912 são mencionados de diferentes formas; às vezes de forma mais breve, às vezes mais demorada. Só em um trabalho acadêmico o objeto de estudo é propriamente a Batalha do Irani. Devido a limitação de espaço do presente trabalho, destacarei apenas o trabalho de Celso Viana (2002), por ser a principal obra que se propõe a analisar especificamente a Batalha do Irani. Em sua dissertação de mestrado em antropologia, “A batalha do Irani: o diabo na rua, no meio do redemoinho” este pesquisador buscou, através do processo gerado em 1913, promover uma interpretação sobre os acontecimentos ocorridos no Irani no dia 22 de outubro de 1912. Realizou uma análise com base nas aproximações entre antropologia e história, visando uma interpretação que tem como objetivo compreender a perspectiva do outro, através de uma análise que busque a reconstituição dos indivíduos na sua condição de agente histórico.

Diante da ausência de trabalhos que abordem especificamente a Batalha do Irani, utilizando uma perspectiva teórico-metodológica própria da história, bem como a realização de uma análise de diferentes fontes documentais para, a partir disso, compreendê-la, justifica-se a importância da presente pesquisa. Acredita-se que um trabalho que proponha realizar tal abordagem poderá promover avanços na historiografia e, sobretudo, na historiografia referente a Guerra do Contestado. Sendo assim, considerando os participantes da Batalha do Irani como sujeitos

ativos de sua história, o objetivo desta pesquisa é analisar a Batalha do Irani, não como um evento isolado, mas como uma resposta dos sertanejos da região e da classe dirigente frente às transformações sociais, econômicas e culturais que vinham acontecendo especialmente no interior dos Estados de Santa Catarina e do Paraná.

Para alcançar tal objetivo, iremos analisar os jornais *O Dia*, *O Trabalho*, *A Notícia*, *Folha do Comércio* - Estado de Santa Catarina; *A República* e o *Diário da Tarde* - Estado do Paraná. Outras fontes que serão utilizadas: o processo crime gerado - de 1913 - comarca de Palmas, com o objetivo de estabelecer os culpados referentes ao episódio dos Campos do Irani; os telegramas trocados por Henrique Rupp, localizados no Arquivo Histórico Waldemar Rupp- Campos Novos, SC; e o processo de guerra 806 em que foram julgados alguns militares que participaram da Batalha do Irani, entre estes o Tenente Busse, localizado no Arquivo Superior do Tribunal de Justiça do Estado do Paraná.

2. METODOLOGIA

A presente pesquisa apresenta uma perspectiva teórico-metodológica, sobretudo, inspirada na micro-história italiana. Considerando “[...] a micro-história como uma prática é essencialmente baseada na redução da escala da observação, em uma análise microscópica e em um estudo intensivo do material documental” (LEVI in BURKE, 1992, p. 136). Neste sentido, Revel aponta que a alteração da escala de análise é fundamental para a definição de micro-história. Através da redução de escala podem ser percebidos determinados aspectos de um acontecimento que, se analisados em uma escala mais ampla, provavelmente passariam despercebidos. Um outro pressuposto desta corrente é a utilização de uma grande quantidade de fontes. Neste sentido, os estudos de micro-história vão buscar diferentes fontes que abordem seus objetos de pesquisas, resultando assim num grande volume documental.

Em relação a análise das fontes utilizadas na presente pesquisa, a maior contribuição é do método elaborado por Ginzburg em *Sinais: raízes de um paradigma indiciário* (1989). Nesse, o autor estabelece um debate sobre um modelo epistemológico que até então havia sido pouco discutido nas ciências humanas. O historiador italiano defende a existência de um saber venatório, ancestral, utilizado pelos caçadores na busca de alimento. Desta maneira, a humanidade desenvolveu a capacidade de, a partir de pegadas de deixadas na terra, conseguir localizar e identificar animais. Essas operações cognitivas foram aperfeiçoadas e transmitidas para a posterioridade, sendo identificadas, por exemplo, em métodos utilizados pelo crítico de arte Morelli para determinar se uma obra de arte é falsa ou verdadeira. Ele diz que é necessário examinar os pequenos detalhes da obra, como por exemplo as orelhas ou os dedos do pé de determinada pintura. Através desses pequenos detalhes, seria possível afirmar a veracidade de uma obra. Outro exemplo abordado por Ginzburg é o de Sherlock Holmes, que a partir dos pequenos detalhes na cena do crime consegue desvendar os mistérios de seus casos.

Utilizando um paralelo entre os métodos de Morelli e Sherlock Holmes na pesquisa histórica, Ginzburg destaca que as pesquisas nos documentos históricos partem do mesmo princípio. Ele considera que a partir de um pequeno detalhe pode ser revelada uma série de informações sobre determinado assunto. “Se a realidade é opaca, existem zona privilegiadas – sinais, indícios – que permitem decifrá-la” (GINZBURG, 1989, p. 177). Mesmo considerando o paradigma indiciário como o principal método de análise das fontes é preciso considerar que

cada tipologia de fonte necessita de uma metodologia adequada para seu uso, afim de que não ocorra a utilização inadequada da mesma. Ressaltamos, ainda, que na presente pesquisa levamos, também, em consideração as ponderações sobre os cuidados metodológicos que cada tipologia de fonte requer.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como a presente pesquisa encontra-se em fase inicial, não conseguimos, ainda, apresentar os resultados ideais. Nesse momento estamos coletando fontes e realizando buscas de bibliografias sobre a temática. Entretanto, por já termos feito a análise de uma parcela das fontes, algumas ponderações podem ser feitas. Uma delas é que a Batalha do Irani foi mais do que a troca de tiros entre os comandados do Coronel João Gualberto e uma parcela dos seguidores de José Maria. Que os enterramentos dos mortos no combate do Irani têm muito a nos dizer sobre este evento. Também conseguimos perceber o quanto uma parte da imprensa, catarinense e paranaense, teve participação neste episódio.

Quando os jornais *O Dia* e *A República* (os únicos que conseguimos analisar até o presente) passaram a noticiar, ainda em 1912, os acontecimentos envolvendo José Maria e seus seguidores, criaram uma série de mistificações para justificar a necessidade de intervenção das forças oficiais para dissolver o ajuntamento em torno do monge. Desta forma, termos pejorativos foram empregados para identificar os seguidores de José Maria; “fanáticos” é só um dentre tantos. Da mesma maneira, José Maria sempre foi considerado um “falso monge”. Sendo assim, tanto o jornal *A República* quanto o jornal *O Dia*, promoveram através de suas publicações as suas versões sobre o confronto no Irani.

O processo crime do Irani permite, através de sua análise, o acesso às mais variadas versões sobre os episódios envolvendo o combate do dia 22 de outubro de 1912. Na busca de esclarecer este acontecimento, foram realizados diversos autos de perguntas e depoimentos testemunhais com alguns moradores de Palmas, militares e outros indivíduos, supostamente, envolvidos. Ressalta-se que além das movimentações das tropas comandadas pelo Coronel João Gualberto e os destinos dos corpos mortos no confronto, também é possível ter acesso a informações a respeito do que estava acontecendo no acampamento do monge José Maria antes do combate, sobre como eram estabelecidas as relações sociais na região, sobre a forte crença dos moradores da região nos poderes de cura, entre outras.

4. CONCLUSÕES

Esperamos, com os futuros desdobramentos dessa pesquisa, atingir um maior entendimento sobre a Batalha do Irani e os aspectos que a envolvem, sobretudo através da análise de fontes como os jornais *O Trabalho* e *Folha do Comércio* (SC) *Diário da Tarde* (PR), bem como o processo de guerra 806 e os telegramas enviados por Henrique Rupp. Ressaltamos que os resultados e as discussões estabelecidas no presente resumo são preliminares. Devido ao estágio inicial em que a pesquisa se encontra, espera-se que com o decorrer do trabalho consigamos aprofundar ainda mais os conhecimentos e interpretações sobre a Batalha do Irani. Também, não é possível, neste momento, estabelecer em que medida a inserção capitalista através das empresas estrangeiras e a luta pela posse da terra nos sertões dos Estados do Paraná e de Santa Catarina está relacionada com os acontecimentos do dia 22 de outubro de 1912. Entretanto, na

medida em que a pesquisa avança, cada vez mais temos a convicção de que uma pesquisa como a estabelecida neste trabalho é fundamental para a historiografia. Devido a sua complexidade e, também, devido à ausência de estudos acadêmicos de cunho historiográfico que se proponham a realizar uma análise focada na Batalha do Irani.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CABRAL, Oswaldo Rodrigues. **A campanha do Contestado**. Florianópolis: Lunardelli, 1979.
- GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- GRINBERG, Keila. A história nos porões dos arquivos judiciaários. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina (org.). **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto 2009.
- LEVI, Giovanni. Sobre a micro-história. In: BURKE, P. (org.) **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: UNESP, 1992. p. 133-161.
- LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: **Fontes Históricas**. PINSKY, Carla Bassanezi (org.). 2º ed, 2º reimpressão. São Paulo: Contexto 2010.
- MACHADO, Paulo Pinheiro. **Lideranças do Contestado**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2004.
- MONTEIRO, Douglas T. **Os errantes do novo século**: um estudo sobre o surto milenarista do Contestado. São Paulo: Duas cidades, 1974
- PEIXOTO, Dermeval (Clivelaro Marcial). **Campanha do Contestado – Episódios e impressões**. Rio de Janeiro: Segundo Milheiro, 1920.
- QUEIROZ, Maurício Vinhas de. **Messianismo e Conflito Social**. São Paulo: Editora Ática, 1981.
- REVEL, Jacques (org.) **Jogos de escala: a experiência da micro-analise**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.
- VALENTINI, Delmir José; ESPIG, Márcia Janete; MACHADO, Paulo Pinheiro (orgs). **Nem fanáticos, nem jagunços: reflexões sobre o Contestado (1912-2012)**. Pelotas: Editora da Universidade Federal de Pelotas, 2012.
- VIANNA, Celso. **A batalha do Irani: o diabo na rua, no meio do redemoinho**. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2002.